



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

GABRIELA LIMA DA SILVA TAVARES

**ANÁLISE DE “QUARTO DE DESPEJO” DE CAROLINA MARIA DE JESUS COMO
ESCRITA DE RESISTÊNCIA**

**CAMPINA GRANDE
2022**

GABRIELA LIMA DA SILVA TAVARES

**ANÁLISE DE “QUARTO DE DESPEJO” DE CAROLINA MARIA DE JESUS COMO
ESCRITA DE RESISTÊNCIA**

Trabalho de Conclusão Curso (Artigo) apresentado ao Departamento de História do Centro de Educação – CEDUC da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Me. Allan Kardec da Silva Pereira.

**CAMPINA GRANDE
2022**

S586a Silva, Gabriela Lima da.

Análise de "Quarto de despejo" de Carolina Maria de Jesus como escrita de resistência [manuscrito] / Gabriela Lima da Silva. - 2022.

22 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.

"Orientação : Prof. Me. Allan Kardec da Silva Pereira, Coordenação do Curso de História - CEDUC."

1. Análise literária. 2. Resistência. 3. Preconceito. 4. Racismo. I. Título

21. ed. CDD
801.95

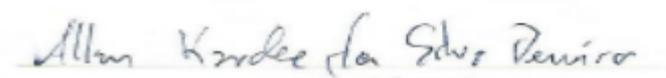
GABRIELA LIMA DA SILVA TAVARES

**ANÁLISE DE “QUARTO DE DESPEJO” DE CAROLINA MARIA DE JESUS
COMO ESCRITA DE RESISTÊNCIA**

Trabalho de Conclusão Curso (Artigo) apresentado ao Departamento de História do Centro de Educação – CEDUC da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em História.

Aprovada em: 01/04/2022.

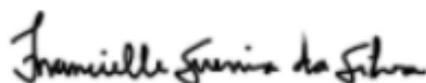
BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Allan Kardec Da Silva Pereira (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ma. Alana De Moraes Leite
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Francielle Suenia Da Silva
Universidade Federal Da Paraíba (UFPB)

Ao meu pequeno Arthurzinho que com seu sorriso inocente me faz acreditar que o mundo pode ser melhor e todos os sonhos podem ser possíveis. Te amo, meu filho.
Aos meus pais pelo amor incondicional dedicado a mim por toda a minha vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus pelo dom da vida e por me proporcionar saúde e perseverança durante toda a minha caminhada. Sem ele nada seria possível.

Agradeço aos meus pais, Maria Barbosa e João Veríssimo por sempre estarem ao meu lado me apoiando ao longo da minha trajetória. Em especial à minha mãe, meu maior exemplo de força, honestidade e resiliência.

Ao meu filho, Arthur Filho, por ser a luz da minha vida.

A meu marido, Arthur Tavares, pela compreensão, apoio e paciência demonstrada durante toda a nossa trajetória.

Agradeço também ao meu orientador, Allan Kardec por aceitar conduzir o meu trabalho, dedicando o seu tempo para que esse projeto fosse concluído.

Por último quero agradecer também a Universidade Estadual da Paraíba que me proporcionou conhecer professores inspiradores que me marcaram e me incentivaram durante todo o período acadêmico. E me propiciou estreitar laços de amizades que se fazem presentes e importantes até os dias de hoje.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	Erro! Indicador não definido.
2	ESCRITOS DO DIÁRIO	Erro! Indicador não definido.
2.1	Trajectoria de vida e escrevivências	12
3	CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE	15
3.1	A escrita de Carolina como instrumento de denúncia	16
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
	REFERÊNCIAS	22

ANÁLISE DE “QUARTO DE DESPEJO” DE CAROLINA MARIA DE JESUS COMO ESCRITA DE RESISTÊNCIA

Gabriela Lima da Silva Tavares

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a construção da narrativa de resistência de Carolina Maria de Jesus a partir da obra “Quarto de Despejo”, obra publicada em 1960 a partir da compilação de seus diários escritos entre os anos 1955 a 1958. Para tanto, será feito o recorte de algumas passagens do livro, buscando construir a partir delas uma interpretação acerca do uso que Carolina faz de sua escrita como instrumento de resistência. Para isto, tomaremos como fonte o referido livro, compreendendo o diário como uma fonte que apresenta uma noção de realidade que reflete as concepções de mundo do autor que o escreve.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus. Resistência. Quarto de Despejo.

ABSTRACT

This article aims to analyze the construction of the resistance narrative of Carolina Maria de Jesus from the work “Quarto de Despejo”, a work published in 1960 from the compilation of her diaries written between the years 1955 to 1958. Some passages from the book were cut out, seeking to build from them an interpretation about Carolina's use of her writing as an instrument of resistance. For this, we will take the aforementioned book as a source, understanding the diary as a source that presents a notion of reality that reflects the world conceptions of the author who writes it.

Keywords: Carolina Maria de Jesus. Resistance. Dump Room.

1 INTRODUÇÃO

No primeiro contato com a escrita de Carolina Maria de Jesus já fui tocada de forma irreversível por sua narrativa marcante. Em “Quarto de Despejo” pude me deleitar diante dos escritos contidos nos seus diários. Uma forma simplista e ao mesmo tempo incisiva de expor a sua realidade. Em primeiro momento, o sentimento que me surgiu foi de encantamento, as primeiras impressões sobre os seus diários me marcaram pela forma crua que ela construía sua narrativa sobre a pobreza e sua luta pela sobrevivência, apresentando uma forte consciência política, advinda de uma mulher negra, mãe de três filhos e pobre que tem sua existência atravessada pela opressão de gênero, raça e classe.

Após esse encantamento inicial com os escritos de Carolina pude perceber a riqueza que sua obra poderia proporcionar enquanto fonte de análise histórica, logo fui captada pelo seu olhar crítico, que enquanto narradora-personagem, não adota um papel de neutralidade em sua narrativa, sendo essa característica que demarca os seus escritos como uma fonte bastante complexa para a análise do historiador.

Desse modo, podemos interpretar a partir da obra de Carolina Maria de Jesus um ponto de vista que desconstrói a narrativa da historiografia tradicional sobre a política desenvolvimentista que vigorava no período no qual os diários foram escritos, entre os anos de 1955 a 1960.

Assim, algo em especial logo me chamou atenção, pois pude perceber como Carolina costura sua narrativa da realidade que se permeia a críticas sociais, construindo assim sua forma de resistência, uma resistência que usa a escrita como principal instrumento.

A partir dessas observações, pude estabelecer os seguintes objetivos para a minha pesquisa: analisar, a partir da obra “Quarto do Despejo”, como se dá a construção da narrativa da autora Carolina Maria de Jesus, buscando pensar como o racismo influencia suas “escrevivências” em “Quarto de despejo”; investigar de que forma Carolina constrói sua identidade, buscando compreender como ultrapassa o estereótipo da “favelada” que criou-se ao redor da narrativa de seu livro; discutir como a autora utilizava de sua escrita como forma de resistência e debater sobre o lugar do feminino dentro de sua obra.

Posto isso, pude verificar certa ausência de trabalhos que visavam discutir o *Quarto de Despejo* por meio de uma perspectiva historiográfica, em sua maioria os estudos que se dedicam a explorar a produção de Carolina trazem uma concepção da literatura.

Este trabalho foi desenhado da seguinte forma: no primeiro capítulo construo uma relação entre os escritos que são nossa fonte de análise os pautando a partir de uma perspectiva racial, para isso me estruturo em Lélia Gonzalez e Silvio Almeida, ainda dentro do primeiro capítulo apresento a trajetória de nosso foco de estudo, a autora Carolina Maria de Jesus. No segundo capítulo faço uma análise da obra “Quarto de Despejo”, recortando algumas passagens e buscando discutir a partir delas como a autora constrói sua resistência.

2 ESCRITOS DO DIÁRIO

Quando lemos *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, de autoria de Carolina Maria de Jesus, nos impressionamos como os registros do cotidiano da então catadora de papel, que residia na favela do Canindé em São Paulo, se mostram tão atuais, mesmo após 62 anos de sua publicação. Estudar essa obra significa entender a magnitude dos escritos de Carolina e o seu legado, tendo em vista que Carolina utiliza da palavra escrita como instrumento de denúncia, pois a mesma encontra em seus diários uma forma de ser vista dentro de uma realidade que tornava sua existência invisível. Sendo assim, os seus registros devem ser entendidos como uma importante fonte histórica, tendo em vista como os relatos das mulheres negras e pobres como detentoras de sua própria narrativa são escassos, e a partir deles podemos entender a riqueza de sua resistência construída a partir de seu próprio cotidiano.

Carolina não deu voz apenas a sua própria trajetória, quando escreveu sua história, ela também se torna porta-voz daqueles que enfrentam situações de vida semelhantes a dela, compartilham não só a morada e os acontecimentos conflituosos da favela do Canindé, mas também a luta diária para não morrer de fome. A escrita se torna um instrumento para sua inserção na sociedade, a “sala de visitas”.

Diante do exposto, compreende-se que mesmo em tempos atuais muito se excogita que a subjugação dos negros, sobretudo de mulheres negras, em detrimento de outro grupo de pessoas, simplesmente vinculado a um tom de pele, é um julgamento obsoleto. No entanto, as constantes manifestações de preconceito desmistificam essa teoria. O preconceito, o racismo, insistem em predominar na nossa sociedade por meio das amarras, das heranças do passado, apoiando-se num passado escravagista que se reverbera até o tempo presente.

O apego a essa “cultura” infundada faz com que os grupos opressores se alarmem quando há a quebra das amarras discriminatórias. Nesse sentido, Carolina, busca justamente romper com essa barreira da invisibilidade, dando voz àqueles que por muito tempo foram intencionalmente silenciados. Assim sendo, a luta da mulher negra é diária, uma busca por ser reconhecida como sujeito, impor sua existência numa sociedade que insiste em negá-la.

Partindo dessa concepção, é nítido que apesar dos direitos conquistados pelas mulheres negras no Brasil, estas ainda estão sob jugo de uma sociedade estruturada pelo racismo e opressão de gênero e classe.

Carolina, como porta voz das mulheres negras, moradoras de favela e totalmente imersa numa sociedade arraigada de preconceito, se fez afrontosa e mostrou que mulher negra não nasceu para perpetuar a imagem da “mãe preta”. Ela enfatiza nos seus escritos que as desigualdades são construídas historicamente embasadas por diferentes padrões de hierarquização constituídos pela relação de gênero e raça que mediadas pela classe social, produzem profundas exclusões. Discriminações essas que geram exclusões legitimadas através do racismo e machismo.

Ao adotarmos o diário como uma fonte de análise, devemos partir do pressuposto de que este não pode ser considerado como uma narrativa fidedigna da verdade, mas entendermos que o escritor constrói sua escrita a partir do contexto em que está inserido, apresentando a sua noção de realidade, o que torna aqueles registros reflexos do período no qual foram escritos¹. No caso dos diários de Carolina temos uma mulher negra, mãe solo de três filhos, catadora de papéis e moradora da favela do Canindé, localizada na capital do estado de São Paulo, que apresenta em seu diário uma narrativa crua da fome e da luta pela sobrevivência, entre os anos de 1955 a 1960. Assim:

Carolina Maria de Jesus insere *Quarto de despejo: diário de uma favelada* na perspectiva do olhar da negritude ao narrar, em forma de mosaico, seus sofrimentos enquanto mulher negra, favelada, sozinha, mãe de três filhos dependentes (José Carlos, João José e Vera Eunice), catadora de papel que vive miseravelmente sem apoio de nenhuma Instituição, mas almeja ser escritora e tem um desejo latente: “Estou residindo na favela. Mas se Deus me ajudar hei de mudar daqui” (MOREIRA, 2014, p. 4)

Posto isto, é importante reconhecer sua obra como uma rica fonte que ecoa a voz diretamente aos que pertencem às classes marginalizadas, pois seu texto se constrói a partir das dores do seu lugar de exclusão e abandono que são reflexos de um país estruturado a partir do racismo, machismo e sexismo. Em *Quarto de Despejo* somos apresentados a uma narrativa que não pode ser desvinculada da relação entre raça e classe.

A partir disso, para que possamos estudar a obra de Carolina é fundamental compreendermos como o racismo se estrutura enquanto construção ideológica, o que torna as mulheres negras a parcela mais explorada da sociedade, como afirma a autora Lélia Gonzalez: “O racismo, enquanto construção ideológica e um conjunto de práticas, passou por um processo de perpetuação e reforço após a abolição da escravatura, na medida em que beneficiou e beneficia determinados interesses.”² Ainda de acordo com a autora, a violência do racismo contra a mulher negra constrói um sistema simbólico que se fortalece, construindo uma naturalização da noção de um lugar de inferioridade e pobreza.

Partindo dessa perspectiva, é possível construir uma relação entre os escritos do diário de Carolina e a teoria de racismo estrutural trabalhada pelo autor Silvio Almeida. Para ele o racismo é uma consequência do modo de estruturação da sociedade, que faz com que os comportamentos individuais sejam vistos como resultados de uma organização social que coloca o racismo como regra. Este processo se dá a partir dos instrumentos que o racismo faz

¹ MOREIRA, Regina da Luz. Os diários pessoais e a (re)construção histórica. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, p. 177-184, jul. 1996

²GONZALEZ, Lélia. A mulher negra no Brasil. In: RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (org.). *Por um feminismo latino americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 170

uso para se perpetuar, pois é um processo político e histórico, e a partir dele também são desenvolvidas as subjetividades dos sujeitos.³

O conceito do racismo estrutural nos ajuda a compreender como as sociedades são estruturadas e configuradas em um sistema que tem como base a exploração, formalizando assim um conjunto de práticas institucionais, históricas, culturais e interpessoais dentro dessa sociedade prejudicando um grupo de modo consistente e constante, colocando-o sempre em situação de vulnerabilidade e perpetuando a desigualdade.

A permanência do racismo exige, em primeiro lugar, a criação e a recriação de um imaginário social em que determinadas características biológicas ou práticas culturais sejam associadas à raça e, em segundo lugar, que a desigualdade social seja naturalmente atribuída à identidade racial dos indivíduos ou, de outro modo, que a sociedade se torne indiferente ao modo com que determinados grupos raciais detêm privilégios. (ALMEIDA, Silvio, 2019. p.47)

A escritora e poetisa é responsável pela autoria de oito obras, tendo publicado em vida *Quarto de Despejo* (1960), *Casa de Alvenaria* (1961), *Pedaços da Fome* (1963) e *Provérbios* (1965), sendo a primeira delas a mais conhecida. O seu primeiro livro foi um grande sucesso no período de sua publicação, foi publicado pela Livraria Francisco Alves e teve uma grande tiragem para a época: 10 mil exemplares em sua primeira edição, tendo se esgotando na mesma semana de lançamento. Posteriormente, foi traduzido em 13 idiomas, tendo reverberado bastante no exterior⁴. Seu sucesso astronômico tem relação direta com a narrativa incomum de Carolina, para a literatura que era produzida no período, pois a mesma rompe com a noção da concepção do era ser um escritor, já que a produção da escrita estava dominada por uma elite letrada, em sua maioria branca.⁵ No entanto, mesmo com o grande sucesso de seu primeiro livro a autora acabou caindo no ostracismo, tendo alcançado pouca repercussão com o restante de suas obras publicadas.

Sendo assim, a partir desse movimento, que rapidamente coloca Carolina no esquecimento, podemos observar como a sua escrita não foi valorizada como uma fonte digna de importância, no contexto de sua publicação o livro é colocado como uma espécie de documento sociológico acerca da realidade social que retrata em suas páginas, sendo colocado fora de seu lugar de objeto literário.⁶

A retomada da valorização da obra de Carolina acontece a partir da década de 1990, o que está diretamente ligado ao processo de renovação e redefinição dos campos de estudos historiográficos e literários, esse movimento leva revalorização das fontes que em outros momentos não eram colocadas nos holofotes dos estudos acadêmicos, como os diários, colocando em pauta as singularidades que se fazem presentes nesses documentos.

A partir deste movimento, a obra de Carolina Maria de Jesus passa a ser vista sob uma nova perspectiva, indo além do estereótipo de “favelada” construído sobre ela que havia permeado muitas análises até o referido momento.

Os estudos sobre os escritos de Carolina Maria de Jesus inserem-se, portanto, num momento de redefinição e ampliação do campo literário e historiográfico. Dessa forma, reavaliam a trajetória da autora a partir das críticas às visões tradicionais que

³ ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019. p.34.

⁴ SILVA, Tânia Maria Gomes da; BARBOSA, Flávia Cristina Silva. Exclusão e violência social na perspectiva da Carolina Maria de Jesus: mulher, negra, favelada e mãe solteira. *Revista Cesumar*, Maringá, v. 23, n. 2, p. 309-326, jul. 2018.

⁵ IDEM, p. 314, 315.

⁶ SOUZA, Alessandra Araújo de. *Do Quarto de Despejo à Sala de Visita: experiência e narrativa nos diários de Carolina Maria de Jesus (1955-1961)*. 2016. p.16

atribuíram um lugar menor para esses tipos de expressão cultural [...] os escritos de Carolina Maria de Jesus se prestam hoje a uma multiplicidade de análises e têm servido de fonte ou objeto de estudo em diversas áreas, sobretudo para os estudos sobre gênero, relações raciais e literatura testemunhal; assim como para estudos sobre o processo de modernização e urbanização do país. (SOUZA, 2016, p.17).

Desse modo, é importante entendermos que esse processo foi fundamental para repensarmos o lugar da mulher dentro da produção historiográfica, especialmente no que diz respeito ao reconhecimento das experiências das mulheres negras e periféricas, que por muito tempo foram silenciadas.

2.1 Trajetória de vida e escrevivências

Desse modo, para que possamos compreender a vida da mulher que fez denúncias tão fortes em seus escritos é necessário regredir um pouco em sua história, pois é importante que conheçamos a trajetória de quem foi Carolina Maria de Jesus, suas vivências. Pelo que se tem registro, Carolina nasceu em Sacramento, cidade que se localiza no interior de Minas Gerais, no ano de 1914, filha de mãe solo, tendo outros sete irmãos. Os antepassados da autora viveram sob o jugo da escravidão, uma população negra recém liberta, mas que não teve acesso aos direitos prometidos após a abolição, e este cenário ressoa diretamente na vida de Carolina.⁷

Ainda em sua cidade natal, Carolina tem contato com a educação formal, tendo estudado apenas os primeiros anos do ensino regular, pois teve que interromper seus estudos ao se mudar para outra cidade junto com sua família. Importante destacar que no contexto em que Carolina estava inserida, no início do século XX, o acesso ao sistema educacional era privilégio de uma minoria, e seu letramento a torna uma exceção. Apesar de curto, seu contato com a educação formal foi suficiente para que a mesma viesse a desenvolver uma paixão pela literatura e escrita.

Carolina peregrinou por muitas cidades do interior do estado São de Paulo, mas já em sua vida adulta, aos 23 anos, assim como muitos brasileiros na primeira metade do século XX, foi uma entre os milhares de migrantes que buscou na cidade de São Paulo uma nova realidade que pudesse lhe possibilitar uma melhoria em suas condições de vida, uma busca que se tornará constante em sua trajetória.

Assim, quando chega a São Paulo, Carolina trabalha em diferentes ocupações, sendo a de empregada doméstica a principal delas. No entanto, após a gravidez do seu primeiro filho, no ano de 1948, a mesma enfrenta uma nova realidade, já que é obrigada a abandonar seu emprego de doméstica e também sua morada, o que a leva a uma procura urgente por moradia, adentrando a uma nova fase de sua trajetória, pois se torna uma moradora da favela do Canindé, localizada nas margens do rio Tietê, que viria a ser desocupada no ano de 1960 para a construção da marginal que leva o mesmo nome do rio.

Já como residente da favela, onde tem seu segundo filho, José Carlos, nascido em 1950 e a terceira filha, Vera Eunice, em 1953, sendo os seus três filhos de pais diferentes, opta por não estabelecer uma relação de compromisso, como o casamento, mesmo recebendo algumas propostas, em seus diários podemos entender como valoriza sua autonomia, recebia propostas frequentes de homens que a desejavam, no entanto, o casamento era algo que a mesma questionava, o que a fazia seguir firme com as críticas e questionamentos que as mulheres que viviam em seu entorno faziam. Passou então a trabalhar como catadora e lavadeira, a partir dos materiais que recolhia podia alimentar seus filhos, neles também encontrava velhos livros e

⁷ AZEREDO, Edson Guimarães de. *As muitas vidas e identidades de Carolina Maria de Jesus: o uso do biográfico e do autobiográfico no ensino das relações étnico raciais*. 2018. 111 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ensino de História, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2018. p.11

revistas que fomentaram ainda mais seu amor pela leitura.

No referido contexto, a cidade enfrentava drásticas alterações em sua paisagem urbana, pois ao mesmo tempo que passava por um grande desenvolvimento em sua economia e industrialização, também recebia muitos imigrantes, e estes por não terem acesso a melhores condições de moradia acabam por criar as favelas. O relato de Carolina é uma importante fonte para que possamos entender como essa realidade afeta uma parcela marginalizada da população.⁸

No entanto, Carolina não gostava de ser uma moradora da favela do Canindé, seu sentimento em relação ao seu barraco não era de um lar, enxergava ali um lugar de violência e insegurança para os seus filhos, a mesma relata em seus escritos seu sentimento de inconformidade com sua moradia:

Estou residindo na favela. Mas se Deus me ajudar hei de mudar daqui. Espero que os políticos estinguem as favelas. Há os que prevalecem do meio em que vive, demonstram valentia para intimidar os fracos. Há casa que tem cinco filhos e a velha é quem anda o dia inteiro pedindo esmola. Há as mulheres que os esposos adoecem e elas no penado da enfermidade mantem o lar. Os esposos quando vê as esposas manter o lar, não saram nunca mais. (JESUS, 2014, p. 17)

É no ano de ano de 1958 que a vida de Carolina se cruza com a de Audálio Dantas, um repórter do jornal *Folha da Manhã*, ele havia sido enviado ao Canindé no intuito de fazer uma reportagem sobre aquela favela que crescia cada vez mais nas margens do rio Tietê. Carolina chama sua atenção em determinado momento por estar envolvida em um conflito com os vizinhos, mencionando o livro que estava escrevendo. Após esse primeiro encontro Audálio tem contato com o material do diário produzido por Carolina e decide publicar alguns trechos na *Folha da Manhã* (1958), e na revista *O Cruzeiro* (1959), abrindo o caminho para a publicação do diário em forma de livro, tornando-se o mediador de Carolina junto às editoras. Não houve interesse por parte do jornalista nas outras produções de Carolina, como seus poemas, músicas e peças teatrais.

No que diz respeito à narrativa do diário propriamente dito, a mesma tem registros que vão do ano de 1955 a 1960. O primeiro dia registrado no diário é 15 de julho de 1955, neste dia Carolina faz o seguinte relato:

Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos generos alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. (JESUS, 2014, p.10)

No entanto, existem descontinuidades, pois no dia 28 de julho do mesmo ano os registros são interrompidos, sendo retomados apenas em 1958, no dia 2 de maio, e seguem sem interrupções significativas até o dia 1 de janeiro do ano de 1960.

Em seus diários temos registros de seu cotidiano, sua luta como uma mulher preta e mãe solo mãe de três filhos que se angustia com a realidade social em que está inserida, suas questões não estão restritas a problemas de cunho pessoal, a autora se incomoda sobretudo com as injustiças sociais, o que nos mostra que seu livro demarca questões de classe, gênero e raça.⁹ Desse modo:

⁸ MALLMAN, Alda Cristina. *Perspectivas de Carolina Maria De Jesus*: uma análise de quarto de despejo em seu contexto histórico. 2018. 41 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras Português/Inglês, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2018

⁹ ROSA, Carolina Schenatto da; SILVA, Gilberto Ferreira da. “Carolina Maria de Jesus e o pensamento liminar na literatura brasileira”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 28, n. 2, 2020.

A potência, na perspectiva crítica, de seus escritos está justamente no fato de ela não negar as condições ou características que a enquadravam como uma “escritora viralata”; pelo contrário, o que ela criticava era o fato de alguém de sua classe, gênero e raça não poder ocupar o espaço da “sala de visitas” na sociedade brasileira e, por consequência, na historiografia literária do país. Por essa razão, sua crítica é ao padrão de poder que se estende na atualidade. (ROSA; SILVA, 2020. p.4)

A escrita de Carolina Maria de Jesus em *Quarto de Despejo* é caracterizada como autobiográfica, pois a autora centra sua narrativa partindo de vivências de cunho pessoal, sendo o espaço da palavra escrita o lugar que a mesma encontra para se afirmar e encontrar uma dignidade que lhe foi negada dentro da realidade social e histórica que estava inserida.¹⁰

As mulheres negras e periféricas tiveram suas histórias silenciadas, pois a historiografia oficial não as considerava como sujeitas, e a partir da escrita de si, essas mulheres construíram fontes ainda escassas, pois poucas puderam ter acesso a algum grau de letramento, mas ainda de vital importância e singularidade, pois é possível ter acesso a outros pontos de vistas que fogem do que era produzido pelos “grandes homens”.

Partindo dessas perspectivas, é importante destacarmos a valorização do diário como fonte. De acordo com Ângela de Castro Gomes, ao observarmos as práticas que envolvem a escrita de si se torna possível entender as trajetórias individuais daqueles que realizaram aqueles registros, assim, “É esse indivíduo, que postula uma identidade para si e busca registrar sua vida, não é mais apenas o “grande” homem, isto é, o homem público, o herói, a quem se autorizava deixar sua memória pela excepcionalidade de seus feitos.” (GOMES, 2004, p.13)

Desse modo, pensar as práticas da escrita de si também é importante para que a trajetória de um indivíduo possa ser compreendida como um movimento que passa por diversos ciclos ao longo de sua vida, assim podemos compreender a identidade e individualidade daquele que ali registrou os fatos de sua vida. Ainda para Ângela de Castro Gomes, quando os caminhos são abertos para a análise dessas fontes, passamos a valorizar as memórias do cotidiano daqueles que são considerados comuns, o que permite ao historiador ir além dos “grandes feitos” de figuras públicas, pois o “comum” também constitui uma rica fonte para o historiador.¹¹

Ainda dentro dessa perspectiva, podemos considerar os escritos de Carolina Maria de Jesus como fonte de valor inestimável se pensarmos como os registros referentes às mulheres negras e pobres no Brasil são escassos, ainda mais no que diz respeito à produção de uma escrita autobiográfica realizada pelas mesmas, tendo em vista a parcela dessas mulheres que podem ter acesso à educação formal. “É o caso de Carolina Maria de Jesus, em que se dá a afirmação de si mesma e de uma dignidade que lhe fora constantemente negada pelas condições sociais e históricas em que estava inserida” (SOUZA, 2016, p. 24).

Assim, quando partirmos dessa concepção, ao fazermos esse recorte, podemos trazer para a análise o termo “escrevivência”, cunhado pela escritora Conceição Evaristo, que explora em suas obras a experiência de ser negro no Brasil, esse termo em muito se relaciona com sua escrita, que mistura vivências e memórias de sua própria vida com as de seu povo, realizando assim um movimento de criação de novas vivências, ao mesmo tempo em que ressignifica a realidade dos seus.

A partir da escrevivência, Conceição Evaristo também traz como referência para seus escritos a obra de Carolina Maria de Jesus, pois uma característica em comum entre as duas autoras é tornar a escrita um objeto de resistência.

¹⁰ SOUZA, Alessandra Araújo de. *Do Quarto de Despejo à Sala de Visita: experiência e narrativa nos diários de Carolina Maria de Jesus (1955-1961)*. 2016. p.24

¹¹ GOMES, Angela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. 2004. p. 12, 13.

Quando mulheres do povo como Carolina, como minha mãe, como eu também, nos dispomos a escrever, eu acho que a gente está rompendo com o lugar que normalmente nos é reservado. A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é alguma coisa é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito. Escrever e ser reconhecido como um escritor ou como escritora, aí é um privilégio da elite (EVARISTO, Conceição, 2010)

3 CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Ao fazermos a análise da narrativa produzida por Carolina Maria de Jesus torna-se possível compreender como sua identidade é construída a partir de seus diários, posto isso, a partir da pesquisa de Fernandez (2006) podemos construir uma discussão acerca de seu “estilo” de escrita, a autora aponta como se dá o procedimento de escrita de Carolina, para ela estamos diante de uma narrativa indefinida pois o seu diário não segue uma linearidade.

Ainda de acordo com Fernandez, Carolina não adota a posição de uma narradora tradicional, pois também ocupa o papel de personagem, ao mesmo tempo que reproduz as vozes de outros personagens que figuram em seu cotidiano ativamente e não poderiam ficar de fora de seus diários.

A voz do eu dessa narrativa desabrocha como um desdobramento das demais, pois a narradora se preocupa em discutir, refletir e julgar a partir de comentários (quando se refere a alguma circunstância vivida) ou textos alheios que possam vir a “explicar” sua condição social :Assim, o agenciamento coletivo dessa enunciação coloca em comunicação diversos estilos de escrita: o testemunho (intervenção de Audálio), a autobiografia (diário), a oralidade (linguagem falada na favela), a imitação da forma romanesca, o preciosismo da escrita clássica, os provérbios, os ditados populares e até passagens bíblicas. (FERNANDEZ, 2006, p.3)

Ancorando suas observações em Bakhtin, a autora Fernandez nos mostra que podemos encontrar o que tido como dialogismo, que seria a “maneira como todas as vozes do discurso equivalem umas às outras, pois todo enunciado remete a outro” (FERNANDEZ, 2006, p.3). Sua narrativa se destaca ainda mais quando se coloca em questão o foco das produções do período em que a obra de Carolina foi lançada.

Desse modo, é possível compreender como o diário de Carolina representa uma forte denúncia, tendo em vista que ela utiliza da palavra escrita, o instrumento que a destaca da sua condição de favelada, para construir uma clara denúncia sobre a realidade em que estava inserida. Sua escrita não é construída sem intencionalidades, pois a narradora-personagem não está alheia à realidade que a cerca, sua escrita é consciente das opressões de gênero, classe e raça, e estas não atuam com neutralidade sobre sua vida.

Partindo dessa perspectiva, é importante destacarmos como os campos das narrativas são marcados pelas relações de poder, sendo diretamente controlado por grupo hegemônico dentro do sistema capitalista, que privilegia apenas determinados discursos que são de seu interesse, no entanto, esta lógica passa a sofrer alguns questionamentos na segunda metade do século XX, com o avanço dos movimentos sociais.

Posto isso, essas novas vozes utilizam o espaço que conquistaram para se opor aos discursos predominantes, que eram em sua maioria masculinas e brancas, essas vozes que não se faziam presentes nos discursos oficiais surgiam como questionadoras e opositoras.

A partir da autora Bell Hooks é possível compreender como o referido contexto leva a um “repentino” interesse por parte do mercado editorial no que diz respeito à publicação de obras de autoras negras, o que não significa que tenham se tornado mais fácil para essas mulheres se inserir nesse mercado. Hooks ressalta que esse movimento, na verdade, se dá pelo fato de que essas autoras que antes passavam despercebidas encontraram e conquistaram espaço para ter sua voz ouvida.

No entanto, não há interesse de divulgar amplamente esses livros, isto é reflexo direto do racismo e machismo enquanto sistema de divulgação, como aponta Bell Hooks, mesmo para as autoras que alcançam grande sucesso, não há garantia de que o interesse de mercado seja mantido nelas, como foi o caso da nossa fonte de análise, tendo em vista que os escritos lançados após *Quarto de Despejo*, não conseguem alcançar o mesmo sucesso¹².

3.1 A escrita de Carolina como instrumento de denúncia

Ao lermos *Quarto de Despejo* podemos perceber como Carolina se destaca em relação ao restante do cenário em que está inserida, a mulher negra, mãe de três filhos, que cata materiais recicláveis para garantir o pão de cada dia dos seus filhos se distingue do restante dos moradores da favela do Canindé por saber ler e escrever, e a mesma carrega consigo e demonstra em seus escritos a sua inconformidade por ser moradora da favela, ela não enxerga um lar no “quarto de despejo” da cidade de São Paulo.

Assim, há uma rejeição da sua condição de favelada nos seus escritos, e é por meio da escrita que a mesma enxerga uma possibilidade de ascensão social, como podemos observar nesta passagem, “É que eu estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela” (JESUS, 2012, p. 24).

Como nos mostra Souza, uma marca dos diários de Carolina é uma “desterritorialização de Carolina em referência à sua origem social”¹³, pois apesar de retratar a condição das pessoas da favela, o livro não chega até elas, no momento de seu lançamento de seu lançamento é a classe média letrada que irá consumir seus escritos. E é esta via de mão dupla que marca a trajetória de Carolina enquanto escritora, há uma constante busca de sua parte por se diferenciar dos favelados, ir para “alvenaria”, mas ao mesmo tempo seu diário é para o público que consome seu primeiro lançamento no mercado editorial, e cristalizam sua imagem na sua condição de favelada.

Toda essa trajetória de Carolina não se constrói ao acaso, tendo em vista que sua existência é perpassada pelas opressões de gênero, raça e classe, desse modo, para se construir enquanto “Carolina”, a mesma também foi atravessada pelo contexto social no qual estava inserida, pois sua luta individual enquanto uma mulher pobre, preta, mãe de três filhos, que por meio de seus escritos luta para encontrar melhores condições de vida por meio da escrita se entrecruza com as relações e condições sociais na qual ela está inserida, tendo em vista que sua identidade não se constrói sem interferências.

Assim, como aponta Souza, quando se estuda sobre a figura de Carolina pode-se colocar sua imagem dentro de um limite, a delimitando como favelada, catadora de papel ou mulher negra. No entanto, entender quem foi Carolina é compreender que a partir deste conjunto de características podemos ter uma ideia da importância de sua obra, pois sua identidade não pode ser enquadrada em apenas um desses elementos.

Os seus escritos, com certeza, trazem elementos ricos para a sua análise. Enquanto representativa dessas diversas categorizações sociais, ela possui os traços desses múltiplos condicionamentos que constituem sua história pessoal. Em termos de temporalidade, essa abordagem se preocupa com as características que permanecem. Nessa perspectiva, entende-se que, mais que descrever as características sociais e culturais que distinguem Carolina Maria de Jesus, importa apreender como esta se

¹² HOOKS, Bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. 2019. p. 207, 208.

¹³ SOUZA:, Alessandra Araújo de. *Do Quarto de Despejo à Sala de Visita: experiência e narrativa nos diários de Carolina Maria de Jesus (1955-1961)*. 2016. p.26.

apresenta para o mundo, como refletia a si mesma, enquanto interpretava o mundo e elaborava sua escrita, na interação com a sociedade. (SOUZA, 2016, p.30)

Partindo dessa perspectiva, estudar Carolina significa compreender a singularidade de sua trajetória e sua complexidade enquanto narradora de sua própria história, tendo em vista que a partir de seus diários se torna possível adentrar em suas dores, contradições e alegrias que fizeram parte de uma parte de sua construção enquanto Carolina Maria de Jesus, tendo em vista que sua trajetória não se inicia e também não termina em *Quarto de Despejo*, está em constante construção.

Assim, Carolina traduz em seu texto sua insatisfação com a realidade em que está inserida, ao mesmo tempo que suas reflexões apontam o seu sentimento de desagrado por morar na favela, elas também evidenciam as desigualdades sociais presentes nesse ambiente que são evidenciadas a partir de questões cotidianas.

19 DE MAIO DE 1958

O mundo das aves deve ser melhor do que dos favelados, que deitam e não dormem porque deitam-se sem comer.

...O que o senhor Juscelino tem de aproveitável é a voz. Parece um sabiá e a sua voz é agradável aos ouvidos. E agora, o sabiá está residindo na gaiola de ouro que é o Catete. Cuidado sabiá, para não perder esta gaiola, porque os gatos quando estão com fome contempla as aves nas gaiolas. E os favelados são os gatos. Tem fome...Deixei de meditar quando ouvi a voz do padeiro:

—Olha o pão doce, que está na hora do café!

Mal sabe ele que na favela é a minoria quem toma café. Os favelados comem quando arranjam o que comer.

..Havia pessoas que nos visitava e dizia:

—Credo, para viver num lugar assim só os porcos. Isto aqui é o chiqueiro de São Paulo. ...Eu estou começando a perder o interesse pela existência. Começo a revoltar. E a minha revolta é justa. (JESUS, 2012, p. 30)

Na referida passagem é possível compreender como a autora constrói suas críticas, há uma analogia em relação a pássaros e o então presidente Juscelino Kubitschek¹⁴, Carolina faz relação com os discursos de JK com o canto do sabiá, mas ao mesmo tempo mostra como o governante está distante da população, tendo em vista que ele reside em uma “gaiola de ouro”, desconhecendo a verdadeira difícil realidade de muitos brasileiros, que assim como nossa interlocutora lutam diariamente para garantir o pão de cada dia. Assim, compreendemos como se dá sua resistência e revolta em relação a sua existência, Carolina considera seu sentimento justo.

Esse trecho é importante para entendermos como a construção da narrativa de Carolina é rica, suas analogias apresentam de forma didática o sistema de opressões que a atravessam. Ainda no dia 19 de maio de 1958, há o registro que explica a relação entre a “sala de visitas” e o “quarto de despejo”.

Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (JESUS, 2012, p. 32)

¹⁴ Juscelino Kubitschek, foi o 21º presidente do Brasil, tendo ocupado o cargo entre os anos de 1956 a 1961, a principal marca de seu governo é o Plano de Metas, uma agenda político econômica que tinha como foco o investimento nas áreas de infraestrutura e indústria, visando um amplo desenvolvimento do país. Junto a isso, havia uma meta de integração nacional, sendo a principal representação dessa idealização a construção de uma nova capital no Planalto Central, visando centralizar e interligar os “muitos brasis” (CEDRO, 2019). Junto a esse discurso desenvolvimentista, de um Brasil que cresceria “50 anos em 5”, o governo de JK trouxe consigo um grande aumento da dívida interna e externa, o que resultou em um arrocho salarial para as classes mais pobres, que aliado a isto também sofreram com o crescimento da inflação.

Nessa reflexão, podemos observar o sentimento de pertencimento latente nas percepções que Carolina elabora sobre o espaço urbano, ela vê a “sala de visitas” como uma espécie de vitrine, algo intocável e muito distante da realidade em que está inserida, uma espécie de mundo ideal, já o “quarto de despejo”, referência que nomeia o livro, traz à tona para o leitor o sentimento de não lugar da narradora.

Ainda dentro dessa perspectiva, vemos em outras passagens a criticidade o nível relação ao governo, e em vários momentos de sua narrativa vemos como ela utiliza seu diário para tecer críticas em relação ao presidente de forma mais direta ou aos outros governantes:

Mas eu já observei os nossos políticos. Para observá-los fui na Assembléia. A sucursal do Purgatório, porque a matriz é a sede do Serviço Social, no palacio do Governo. Foi lá que eu vi ranger de dentes. Vi os pobres sair chorando. E as lagrimas dos pobres comove os poetas. Não comove os poetas de salão. Mas os poetas do lixo, os idealistas das favelas, um expectador que assiste e observa as tragédias que os políticos representam em relação ao povo. (JESUS, 2012, p. 46, 47)

A partir desse trecho vemos mais um exemplo de como nossa personagem narradora apresenta seu olhar crítico em relação a política para o seu diário, tendo em vista que sua consciência em relação ao descaso do poder junto em relação ao “povo”, sendo que Carolina faz parte do povo, pois também se vê abandonada, assim como seus companheiros de endereço que compartilham da mesma lógica de opressão. “Os bons eu enalteço, os maus eu critico. Devo reservar as palavras suaves para os operários, para os mendigos, que são escravos da miséria.” (JESUS, 2012, p. 53)

A partir do ponto de vista de Carolina, podemos entender de forma clara como o governo de Juscelino Kubitschek é sentido de forma diferente entre os mais pobres, pois ele trouxe consigo uma perspectiva de esperança, no entanto, aqueles que já enfrentavam a fome viram suas condições de vida se deteriorando ainda mais.

...Quando cheguei do palacio que é a cidade os meus filhos vieram dizer-me que havia encontrado macarrão no lixo. E a comida era pouca, eu fiz um pouco do macarrão com feijão. E o meu filho João José disse-me:
—Pois é. A senhora disse-me que não ia mais comer as coisas do lixo.
Foi a primeira vez que vi a minha palavra falhar. Eu disse:
:—É que eu tinha fé no Kubstchek.
—A senhora tinha fé e agora não tem mais?
—Não, meu filho. A democracia está perdendo os seus adeptos. No nosso paiz tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os políticos fraquíssimos. E tudo que está fraco, morre um dia. ...Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido. (JESUS, 2012, p. 34)

E é a partir dessa concepção que Carolina enxerga uma possibilidade de mudança, pois em sua revolta ela encontra uma justificativa para, por meio do poder de suas palavras, encontrar novas possibilidades junto aos que viviam oprimidos pela mesma realidade, portanto:

os oprimidos pela lógica do despejo se deem conta de suas misérias e se revoltam contra todo o sistema que é responsável por acarretá-las passa inevitavelmente por esse poder da palavra. Carolina sabe disso [...] e seus companheiros de luta também o reconhecem. Não é à toa, portanto, que inúmeros atos de violência sejam cometidos justamente contra o poder da palavra possuído por Carolina [...] e uma de suas manifestações mais abjetas seja aquela que se vale da própria palavra escrita para atingi-la em sua subjetividade feminina atuante. (ROSA, SILVA, 2020)

Junto a isso, vemos em muitas passagens a sensação de inconformidade que a mesma nutre pelo barracão em que vive com seus filhos no Canindé:

Cheguei na favela: eu não acho geito de dizer cheguei em casa. Casa é casa. Barracão é barracão. O barraco tanto no interior como no exterior estava sujo. E aquela desordem aborreceu-me. [...] ...Perguntei a uma senhora que vi pela primeira vez:

—A senhora está morando aqui?

—Estou. Mas faz de conta que não estou, porque eu tenho muito nojo daqui. Isto aqui é lugar para os porcos. Mas se puzessem os porcos aqui, haviam de protestar e fazer greve. Eu sempre ouvi falar na favela, mas não pensava que era um lugar tão asqueroso assim. Só mesmo Deus para ter dó de nós. (JESUS, 2012, p. 42)

Há algo em comum que norteia todos os moradores que ali vivem, não estão ali por ser a melhor escolha, mas estão ali residindo por terem encontrado a única opção que encontraram naquele momento. Vale destacar o contexto histórico no qual a produção dos diários está inserida, o Brasil passava por uma forte onda de modernização, no entanto, a obra de Carolina leva o autor a questionar como essa modernização chegava em ondas desiguais para os brasileiros que viram as mudanças enfrentadas pelo país principalmente entre as décadas de 1940 a 1960, principalmente nos grandes centros, como no caso da nossa interlocutora, que se torna um exemplo de como essas mudanças afetam de forma mais severa as classes subalternas, que se veem desterritorializadas.¹⁵

Em muitos momentos de sua narrativa, Carolina registra esse sentimento que compartilha junto com os outros moradores do Canindé: “Aqui nesta favela a gente vê coisa de arrepiar os cabelos. A favela é uma cidade esquisita e o prefeito daqui é o Diabo. E os pinguços que durante o dia estão oculto a noite aparecem para atentar. Percebo que todas as pessoas que residem na favela, não aprecia o lugar.” (JESUS, 2012, p.79)

Sendo assim, a violência é algo que se faz muito recorrente nos registros de autora, tornando-se quase como uma espécie de personagem que se faz presente de forma ativa em muitas páginas de seu diário, de forma notória e destacável essa violência a preocupa, pois ela não enxerga na favela um lugar seguro para seus filhos. “Mas quem reside na favela não tem quadra de vida. Não tem infância, juventude e maturidade. O meu filho, com 11 anos já quer mulher. Expliquei-lhe que ele precisa” (JESUS, 2012, p. 80). No entanto, não passa despercebido por Carolina que essa violência está diretamente relacionada à situação de abandono do poder público: “Ele comprova o que eu digo: que as favelas não formam caráter. A favela é o quarto de despejo. E as autoridades ignoram que tem o quarto de despejo” (JESUS, 2012, p. 93)

Dentro dessa perspectiva, Carolina também destaca em seus diários como sua condição de mãe solo afeta suas escolhas, tendo em vista que a mesma relata as diversas críticas, nunca parece se encaixar de fato entre as pessoas da favela, há sempre uma sensação de inconformidade.

Tem pessoas aqui na favela que diz que eu quero ser muita coisa porque não bebo pinga. Eu sou sozinha. Tenho três filhos. Se eu viciar no álcool os meus filhos não irá respeitar-me. Escrevendo isto estou cometendo uma tolice. Eu não tenho que dar satisfações a ninguém. Para concluir, eu não bebo porque não gosto, e acabou-se. Eu prefiro empregar o meu dinheiro em livros do que no álcool. Se você achar que eu estou agindo acertadamente, peço-te para dizer:

—Muito bem, Carolina! (JESUS, 2012, p. 64)

Partindo desse ponto de vista, é possível observar como o peso da maternidade afeta a sensação de desconforto de Carolina em relação ao ambiente da favela, e suas mais diversas

¹⁵ SOUZA., Alessandra Araújo de. *Do Quarto de Despejo à Sala de Visita: experiência e narrativa nos diários de Carolina Maria de Jesus (1955-1961)*. 2016. p.24, 25.

violências, e estas não permitiriam a seus filhos uma infância livre de questões que deveriam ser exclusivas do mundo dos adultos.

E o pior na favela é o que as crianças presenciavam. Todas crianças da favela sabem como é o corpo de uma mulher. Porque quando os casais que se embriagam brigam, a mulher, para não apanhar sai nua para a rua. Quando começa as brigas os favelados deixam seus afazeres para presenciar os bate-fundos. De modo que quando a mulher sai correndo nua é um verdadeiro espetáculo para o Zé Povinho. Depois começam os comentários entre as crianças:

—A Fernanda saiu nua quando o Armim estava lhe batendo.

—Eu não vi. Ah! Que pena!

—E que jeito é a mulher nua? E o outro para citar-lhe aproxima-lhe a boca do ouvido. E ecoa-se as gargalhadas estrepitosas. Tudo que é obsceno pornográfico o favelado aprende com rapidez.

...Tem barracões de meretrizes que praticam suas cenas amorosas na presença das crianças. ...Os vizinhos ricos de alvenaria dizem que nós somos protegidos pelos políticos. É engano. Os políticos só aparece aqui no quarto de despejo, nas épocas eleitorais. (JESUS, 2012, p. 39,40)

Posto isso, vemos como a narrativa é permeada pelas mais diversas situações de violência de gênero, Carolina não se cala em relação a estas, sendo a violência doméstica do homem contra a mulher uma das mais recorrentes no seu cotidiano, tornando-se frequente em seus relatos. E isto a faz questionar as relações de gênero, pois a mesma entende como muitas das violências são resultado do papel de subalternidade ocupado pelas mulheres.

Elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas. Elas tem marido. Mas, são obrigadas a pedir esmolas. São sustentadas por associações de caridade. Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer especie de trabalho para mantê-los. *E elas, tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pede socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra as tabuas do barracão eu e meus filhos dormimos socegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas.*

Não casei e não estou descontente. Os que preferiu me eram soezes e as condições que eles me impunham eram horríveis. (JESUS, 2012, p.14) (Grifos meus)

Dentro dessa perspectiva, vemos como o lugar que a autora ocupa enquanto mulher solteira e mãe solo de três filhos se torna alvo de diversos questionamentos, dentre eles um se torna bastante relevante e irrefutável, a posição de Carolina enquanto uma mulher que opta pela sua liberdade ao questionar a ideia do casamento. Carolina tinha uma visão a frente do seu tempo no que diz respeito à submissão da mulher ao homem, ela rompe com a ideia da banalização do machismo. Diante disso, não era bem vista por seus vizinhos do Canindé da década de 1950.

Fui torcer as minhas roupas. A D. Aparecida perguntou-me:

—A senhora está grávida?

—Não senhora — respondi gentilmente.

E lhe chinguei interiormente. Se estou grávida não é de sua conta. Tenho pavor destas mulheres da favela. Tudo quer saber! A língua delas é como os pés de galinha. Tudo espalha. Está circulando rumor que eu estou grávida! E eu, não sabia! (JESUS, 2012, p.12)

Ainda desse ponto de vista, Carolina também apresenta como o seu lugar de mãe solo pesa sobre ela, como nesta passagem:

Refleti: preciso ser tolerante com os meus filhos. Eles não tem ninguém no mundo a não ser eu. Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar.

Aqui, todas imprecam comigo. Dizem que falo muito bem. Que sei atrair os homens. (...) Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo. (JESUS, 2012, p. 19)

A partir dela podemos ver a complexidade de Carolina, pois ela não se apresenta como um personagem de ficção, mas sim, como uma personagem da vida real que mostra em seus escritos suas contrariedades e dores de sua realidade enquanto uma mulher oprimida por contextos raciais e sociais que é perpassada por tantas gerações.

Dentro dessa perspectiva, entendemos as nuances da vida de Carolina, que acima de tudo primava pela liberdade de suas escolhas, ela narra sobre seus pretendentes e recebia propostas de casamento, o que não a balançava em seus ideais de vida.

O senhor Manuel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lapis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal. (JESUS, 2012, p.43, 44)

Posto isso, vemos que na visão dela, enfatiza-se que a figura masculina passou por um lugar de desconstrução ao longo de sua vida, pois no decorrer de sua trajetória a mesma passa a entender que os homens que via nas páginas dos livros de história não a representavam.

...Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a Historia do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da patria. Então eu dizia para a minha mãe:
—Porque a senhora não faz eu virar homem? Ela dizia:
—Se você passar por debaixo do arco-iris você vira homem.
Quando o arco-iris surgia eu ia correndo na sua direção. Mas o arco-iris estava sempre distanciando. Igual os políticos distante do povo. Eu cançava e sentava. Depois começava a chorar. Mas o povo não deve cançar. Não deve chorar. Deve lutar para melhorar o Brasil para os nossos filhos não sofrer o que estamos sofrendo. Eu voltava e dizia para a mamãe: —O arco-iris foge de mim.(JESUS, 2012, p.48)

Assim, também vemos como Carolina usa de seus próprios sonhos para fazer um contraponto com a resignação que constrói em torno de sua difícil realidade: “...Eu cato papel, mas não gosto. Então eu penso: Faz de conta que eu estou sonhando”. (JESUS, 2012, p.26), realidade esta que não abre caminho para muitos sonhos.

Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê. E com 9 cruzeiros apenas. Não tenho açúcar porque ontem eu saí e os meninos comeram o pouco que eu tinha. (JESUS, 2012, p. 34)

Desse modo, em sua resignação, Carolina encontra espaço para pensar em outras possibilidades que vão além do quarto de despejo, e é na escrita que ela vê essa saída, pois sempre ressalta que sua condição de moradora do Canindé não a define: “Eu não sou desmazelada. Se ando suja é devido a reviravolta da vida de um favelado. Cheguei à conclusão que quem não tem de ir pro céu, não adianta olhar para cima. E igual a nós que não gostamos da favela, mas somos obrigados a residir na favela.” (JESUS, 2012, p. 37)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta pesquisa busquei analisar e construir uma discussão sobre a obra “Quarto de Despejo”, uma coletânea dos diários escritos por Carolina Maria de Jesus entre os anos de 1955 a 1960. Pude então notar, como ao longo de suas páginas Carolina constrói uma narrativa que pode ser compreendida como uma voz que utiliza da escrita para denunciar as opressões que a atravessam enquanto uma mulher negra, representante das classes subalternas.

Assim, esta pesquisa mostra como Carolina utiliza da escrita como forma de resistência, sendo uma mulher que não estava inserida na “sala de visitas”, sua própria luta para garantir sua existência já significava resistir dentro do contexto de diversas violências em que vivia.

Desse modo, a partir dessas questões, busquei em meu trabalho construir uma análise sobre a narrativa de resistência construída pela autora, colocando em pauta seu olhar crítico e sua consciência política e social que tornam os seus diários uma fonte de análise tão rica para a análise histórica.

A partir de todas essas questões apresentadas, pude concluir que o trajeto para a construção dessa pesquisa abriu diversos caminhos, sendo o mais importante deles o que me levou a refletir sobre o impacto da produção de Carolina Maria de Jesus no Brasil de hoje, partindo da perspectiva que pensar sobre a história é pensar sobre continuidades, e o presente trabalho nos leva a entender sobre a condição da mulher preta e periférica dentro de um lugar social de subalternidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

AZEREDO, Edson Guimarães de. **As muitas vidas e identidades de Carolina Maria de Jesus: o uso do biográfico e do autobiográfico no ensino das relações étnico raciais**. 2018. 111 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ensino de História, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2018.

CEDRO, Marcelo. **O governo Juscelino Kubitschek (1956-1961): estabilidade política e desenvolvimento econômico**. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.). **O Brasil republicano: O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964: terceira república (1945-1964)**. Rio de Janeiro: Record, 2019. p. 188-221.

CORONEL, Luciana Paiva. **A censura ao direito de sonhar em Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus**. Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, v. 44, p. 271-288, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/XBQZV7mPBWgsrxGtDz9QgLm/?lang=pt>. Acesso em: 10 jan. 2022.

FERNANDEZ, Raffaella Andréa. **Cartografando uma Literatura Menor**. Revista Patrimônio e Memória. São Paulo, UNESP-FCLAS-CEDAP, v.2, n.1, 2006, p. 201-223

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2012.

LIMA, Omar da Silva. Carolina Maria de Jesus e sua obra-prima Quarto de despejo: diário de uma favelada. **Revista Via Litterae**, Anápolis, v. 6, n. 2, p. 303-314, jun. 2014.

GOMES, Angela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Fgv, 2004.

GONZALEZ, Lélia. **A mulher negra no Brasil**. In: RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (org.). Por um feminismo latino americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 170

MALLMAN, Alda Cristina. **Perspectivas de Carolina Maria De Jesus: uma análise de quarto de despejo em seu contexto histórico**. 2018. 41 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras Português/Inglês, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2018.

MOREIRA, Regina da Luz. **Os diários pessoais e a (re)construção histórica**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, p. 177-184, jul. 1996. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/issue/view/283>. Acesso em: 07 jan. 2022

ROSA, Carolina Schenatto da; SILVA, Gilberto Ferreira da. **Carolina Maria de Jesus e o pensamento liminar na literatura brasileira**. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 28, n. 2, 2020.

SILVA, Tânia Maria Gomes da; BARBOSA, Flávia Cristina Silva. **Exclusão e violência social na perspectiva da Carolina Maria de Jesus: mulher, negra, favelada e mãe solteira**. Revista Cesumar, Maringá, v. 23, n. 2, p. 309-326, jul. 2018.

SOUZA:, Alessandra Araújo de. **Do Quarto de Despejo à Sala de Visita: experiência e narrativa nos diários de Carolina Maria de Jesus (1955-1961)**. 2016. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

OLIVEIRA, Érika Cecília Soares et al . **Rastros e restos de Carolina Maria de Jesus**. Revista Polis Psique, Porto Alegre, v.10, n.3, p.137-157, dez, 2020. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-152X2020000300008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 20 jan. 2022.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro**. *Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016.

HOOKS, bell. **Intelectuais negras**. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 464-478, ago./dez. 2005.

BARRETO, Raquel de Andrade. **Enegrecendo o Feminismo ou Feminizando a Raça: Narrativas de Libertação em Ângela Davis e Lélia Gonzalez**. Dissertação de Mestrado. Departamento de História da PUC-Rio. 2005.

EVARISTO, Conceição. **Da representação auto-representação da mulher negra na literatura brasileira.** *Revista Palmares.* Cultura Afrobrasileira. Ano I, nº I – agosto, 2005, ISSN 108 7280.